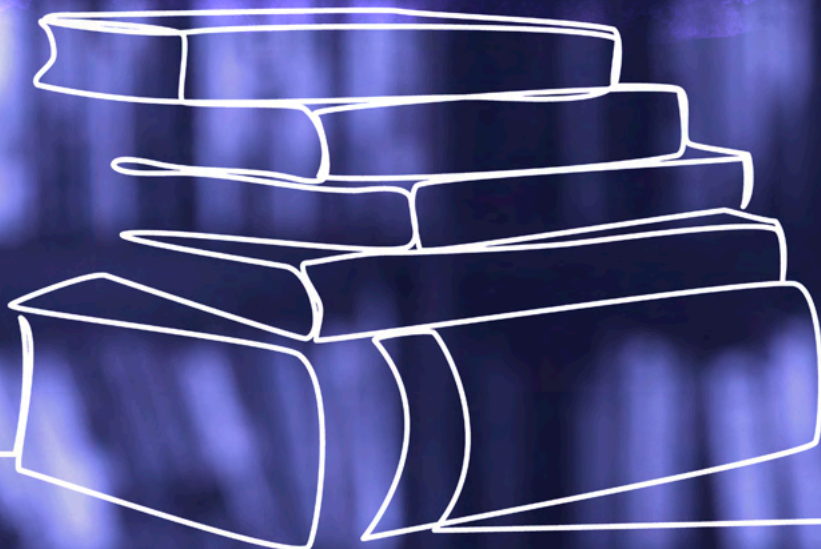


Jadilson Marinho da Silva  
(Organizador)

# Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

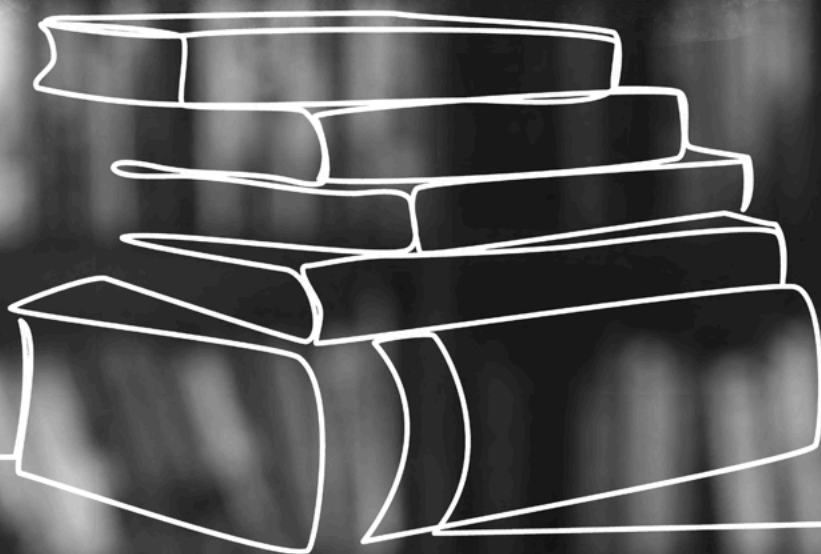


**Atena**  
Editora  
Ano 2022

Jadilson Marinho da Silva  
(Organizador)

# Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Literatura: imaginação e seus dispositivos

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Jadilson Marinho da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura: imaginação e seus dispositivos / Organizador  
Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0673-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.730221609>

1. Literatura. I. Silva, Jadilson Marinho da  
(Organizador). II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

No capítulo 1, Maria Eduarda Ribeiro e Susana Souto Silva, a partir da análise de poemas de Bruna Beber e Carla Diacov, abordam questões relativas à complexa relação existente entre corpo e memória. Nesse contexto, como afirmam as autoras: Beber, retomando a memória do cotidiano, da cidade, de um corpo que se (des) faz nas malhas da memória de modo, quase sempre, irônico. Diacov experimenta, em sua escrita, uma radical experimentação do corpo feminino, ao usar o sangue menstrual como tinta para elaborar desenhos que acompanham muitos dos seus poemas, estabelecendo um diálogo interartes. Ambas desafiam a nossa leitura, a nossa memória e afetam as percepções que temos de poesia, corpo e memória.

No capítulo 2, Daiane de Souza Alves Mauricio aborda o tema “*Casas de Pedra, em Nova Veneza-SC: um lugar de memória enlaçado de tempo e de eternidade evocados pelo imaginário*”. A pesquisadora reflete sobre a história das Casas de Pedra do Nono Luigi Bratti, em Nova Veneza – SC, bem como sobre os objetos que nela se encontram e a marca que tais objetos e edificações deixou nas pessoas entrevistadas neste estudo, tendo como referencial as memórias revisitadas, percebemos que os relatos são marcados pelas fortes presenças do pai, da família e do trabalho.

No capítulo 3, Cassiano José dos Santos aborda o tema “*Odisseia, Eneida e Ramayana: épicos imprescindíveis*”. Nesse estudo, o autor apresenta o conceito de identidade contido nas epopeias nacionais. Tal problemática tem o intuito de identificar os elementos literários, mitológicos, culturais e artísticos contidos em algumas obras com ênfase em tópicos de convergência significativos e simbólicos.







No capítulo 4, Cláudia Miranda da Silva Moura Franco, Solange Correia de Lima e Claudia Nigro fazem uma análise crítico-interpretativa entre literatura, memória e acontecimento histórico no romance *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage. Nesse sentido, elas procuram estabelecer relações da narrativa com os elementos factuais que engendram o período da ditadura militar no Brasil.

No capítulo 5, Sandra Elizabeth Silva de Barros analisar a relação entre o cachorro e o homem no filme *Paterson* de Jim Jarmusch.

No capítulo 6, Wcleverson Batista Silva busca estudar e compreender as diversas influências e importação provinda do além-mar no campo da historiografia literária e educacional assim como a forte relação de favor entre os primeiros institucionalizadores deste sistema.



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MEMÓRIA DO CORPO REINVENTADA NA POESIA DE BRUNA BEBER E CARLA DIACOV	
Maria Eduarda Ribeiro	
Susana Souto Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216091">https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216091</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
CASAS DE PEDRA, EM NOVA VENEZA-SC: UM LUGAR DE MEMÓRIA ENLAÇADO DE TEMPO E DE ETERNIDADE EVOCADOS PELO IMAGINÁRIO	
Daiane de Souza Alves Mauricio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216092">https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216092</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
ODISSEIA, ENEIDA E RAMAYANA: ÉPICOS IMPRESCINDÍVEIS	
Cassiano José dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216093">https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216093</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO: A TORTURA DO CORPO FÊMEO EM <i>O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE</i>	
Claudia Miranda da Silva Moura Franco	
Solange Correia de Lima	
Claudia Maria Ceneviva Nigro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216094">https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216094</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
A COLEIRA HUMANA NO FILME PATERSON	
Sandra Elizabeth Silva de Barros	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216095">https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216095</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>68</b>
AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO IMPORTAÇÃO EUROPEIA	
Wcleverson Batista Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216096">https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216096</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>86</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>87</b>

## A COLEIRA HUMANA NO FILME PATERSON

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 08/08/2022

**Sandra Elizabeth Silva de Barros**

UFJF, PPG Letras: Estudos Literários

Juiz de Fora – Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/4293365250985726>

**RESUMO:** Este texto foi escrito para analisar a relação entre o cachorro e o homem no filme *Paterson* de Jim Jarmusch. A besta e o soberano ou o homem e seu cachorro serão expostos a partir de sua convivência familiar. Serão utilizadas como teorias para a investigação deste relacionamento, estudos de Jacques Derrida, Maria Ester Maciel e John Berger, visando aprofundar a análise acerca do animal na literatura. Além destes estudos, abordaremos também a poesia que é representada no filme como a escrita a partir do cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paterson. A besta. O soberano. Homem. Cachorro.

### THE HUMAN COLLAR IN THE FILM PATERSON

**ABSTRACT:** This text aims to analyze the relation between the dog and the man in the film *Paterson*, by Jim Jarmusch. The beast and the sovereign, alias the man and his dog, are exposed out of their family daily life. Studies by Jacques Derrida, Maria Ester Maciel and John Berger will be theoretical source for the investigation of this relationship, in order to deepen the analysis

about the animal in literature. In addition, we will also approach the poetry which is represented in the film as writing from everyday life.

**KEYWORDS:** Paterson. The beast. The sovereign. Man. Puppy.

### 1 | A BESTA E O SOBERANO

Em *O animal que logo sou*, livro tradução do livro *L'Animal que donc Je suis (À suivre)*, Jaques Derrida discorre sobre o animal e o homem. Essa leitura é feita na tentativa de compreensão e reflexão a respeito da relação que os seres humanos mantêm com essas criaturas. Para iniciar sua argumentação, o autor declara que, ao se ver nu diante de um animal, um gato, começou a questionar se este bicho o estava olhando também e percebe seu próprio mal-estar: “Mal-estar de um tal animal nu diante de outro animal [...]” (DERRIDA, 2002, p.16).

No gato ele vê o outro, mas questiona este outro. O filósofo explica que esse animal está sempre a nos olhar. E quem é ele então? O animal é o outro. Sentir este mal-estar é inútil, pois quando estamos nus nos assemelhamos ao animal que somos. O animal não se percebe nu porque ele já é nu. Ele não tem consciência de estar nu. O homem então, segundo o escritor, seria o único personagem a criar roupas para se vestir. O animal, portanto, permanece alheio a todo este artefato chamado roupa. Ao longo de

seu relato, o estudioso esclarece que o gato é uma gata, olhando-o perante sua nudez. Para o filósofo, o pensamento de qualquer animal só seria contemplado em uma poesia, como já o teria feito uma vez com um ouriço no texto intitulado *O que é Poesia* (DERRIDA, 2003). Ele afirma que descrever os pensamentos de um animal também poderia ser representado por meio de uma tese. Enquanto profere seu discurso, o professor continua nu diante do que as pessoas chamam de animal. Ele afirma que existem indivíduos que escreveram sobre animais, mas que nunca se vislumbraram pelo olhar do animal e, mesmo que já tenham feito isso, não levaram em consideração este próprio animal:

É como se os homens desta configuração tivessem visto sem terem sido vistos, como se tivessem visto o animal sem terem sido vistos por ele: sem se terem visto vistos nus por alguém que do fundo de uma vida dita animal, e não apenas pelo olhar, tê-los obrigado a reconhecer, no momento da destinação, que isso tinha a ver com eles. (DERRIDA, 2002, p.33-34).

O estudioso continua sua peregrinação pela busca do porquê desta denominação: “o animal”. Ele investiga no texto Bíblico do Gênesis, destinado à criação, no qual encontra que o homem foi criado por Deus e os animais também. Deus deu ao homem o poder de nomear os animais. O homem chamou por nomes todos os animais. Nomear algo significa biblicamente “sacrificar o vivente a Deus.” (DERRIDA, 2002, p. 79). Ao receber seu próprio nome, este animal perde o poder de nomear, de se nomear. Mas, como salienta o filósofo, essa nomenclatura foi dada aos animais antes de sua queda, antes da queda do homem, antes de cometer o pecado. Assim, Adão nomeou os animais antes de ter vergonha da própria nudez e, por isso, a vergonha do autor diante daquele animal pode estar relacionada a esse acontecimento.

Insistimos em denominar os animais e nos intitularmos como homens. Persistimos em tratá-los como bem entendemos, tornando-os criaturas subordinadas às nossas vontades. O filósofo chama de violência as práticas de industrialização, de adestramento, de clonagem, de pesquisas e tudo o que está relacionado a experimentos com animais, pois esses estudos revelam a despreocupação do homem com o animal. Percebe-se, portanto que o homem se utiliza do animal para servi-lo, essa prática é denominada pelo estudioso como assujeitamento, pois “O número de espécies em via de desaparecimento por causa do homem é de tirar fôlego”. Temos certeza do sofrimento do animal e, nus diante dele, devemos pensar sobre a piedade que devemos ter para com ele. Muitas perguntas são feitas e o estudioso termina sua aula levando-nos à sua última e inquietante questão: “Mas eu, quem sou eu?” (DERRIDA, 2002, p.52, p.92).

Se pensarmos da mesma forma que o autor, podemos então nos intitular de animais humanos e de certa forma podemos concluir com esse pensamento que somos animais, pois assim será confirmada a afirmação de Maria Esther Maciel (2011, p. 98) no texto *Poéticas do animal*: “Os humanos precisam de se aceitar como animais para se tornarem humanos”. Para esses autores, o pensamento sobre os animais e a escrita sobre eles

são relevantes. Além disso, em lugares como a Europa e os Estados Unidos, o campo de investigação sobre animais está sendo considerado de grande importância. De acordo com Maciel (2011, p. 7):

Os **Estudos Animais** vêm se afirmando como um espaço de entrecruzamento de várias disciplinas oriundas das ciências humanas e biológicas, em torno de dois grandes eixos de discussão: o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos. Torna-se, portanto, evidente a emergência do tema como um fenômeno transversal, que corta obliquamente diferentes campos de conhecimento e propicia novas maneiras de reconfigurar, fora dos domínios do antropocentrismo e do especismo, o próprio conceito de humano.

A Universidade Federal de Minas Gerais realizou uma rica interlocução nesse campo de estudos. Os alunos de Pós-Graduação dedicaram-se na pesquisa, debate e divulgação desses estudos através de publicações e eventos, como o Colóquio internacional “Animais, animalidade e os limites do humano”, realizado em maio de 2011. Esse encontro possibilitou a publicação do livro *Pensar/escrever o animal* que apresentou em suas páginas ensaios de filósofos, teóricos da literatura e pensadores, todos destinados a escrever sobre esse outro que é o animal. Dessa forma, investigar os animais não humanos e relacionar suas interações com os seres humanos é um campo novo para os estudiosos, mas escrever sobre eles não representa algo novo, pois, como já mencionado, essa escrita está presente desde os tempos antigos. É como cita John Berger (1980, p. 14) em seu livro *Sobre o olhar*:

O paralelismo de suas vidas semelhantes/dessemelhantes permite aos animais provocarem algumas das primeiras perguntas e darem respostas. O primeiro tema de pintura foi animal. Provavelmente a primeira tinta foi sangue de animal. Antes disso, é razoável supor que a primeira metáfora tenha sido animal.

Com isso, Berger confirma o entendimento de que escrever sobre bichos, seja por imagens, palavras, frases ou textos é um ato surpreendentemente remoto. Talvez nunca será possível decifrar os animais, mas cabe aos animais racionais, ou seja, seres humanos, esta tentativa

O primeiro capítulo da obra *A besta e o soberano* do filósofo Jacques Derrida é iniciado do seguinte modo: A... o. Com essas duas letras o filósofo começa a justificar o título do livro. A questão animal se mantém permanente para ele, mas ele não considera a besta como um animal. Para ele, os artigos “a” e “o” tem inúmeras diferenças:

A, o (feminino, masculino), como se nós estivéssemos denominando ai, antecipadamente, certo casal, certo acoplamento, uma intriga de aliança ou de hostilidade, de guerra ou de paz, de casamento ou de divórcio- não apenas entre duas espécies de viventes (o animal e o homem) mas entre dois sexos que desde o título, e em uma certa língua, o francês, armam uma cena (DERRIDA, 2016, p.18).

A razão é destacada pelo autor: com quem estaria a razão? Com a besta, com o

animal, com o homem ou com o soberano? Diversos pensadores que refletiram sobre a soberania e sobre o domínio ou não do homem perante o animal como Platão, Santo Agostinho, Aristóteles, Kant, Nietzsche, Rosseau, Grotius, Maquiavel, Hobbes, Pascal, Heidegger, Schmitt, Valéry, Lévinas, Deleuze, Agamben e outros estudiosos estão no texto para desconstruir a ideia de soberania questionada pelo teórico. Para proferir sua palestra, Derrida utilizou inúmeros exemplos retirados da filosofia, do direito, da ciência política, da literatura e da linguagem.

O filósofo evocou o devir-besta e o devir-soberano para levar a reflexão sobre a soberania. Ele argumenta que o animal e o soberano tem em comum o fato de estarem ambos fora da lei: o animal abaixo da lei e o soberano acima. Com a fábula de La Fontaine, O lobo e o cordeiro, Derrida descreve para nós o passo de lobo, que, através da fábula ou, dos passos do lobo, bem silencioso, não poderiam ser os passos de uma pomba, pois mesmo sendo passos parecidos, ou silenciosos, o primeiro animal precede a guerra e o segundo, a paz. A moral indicada pela fábula é de que “a razão do mais forte é sempre a melhor”. Mas essa razão, ou essa soberania, sempre deve ser mais estudada por nós, pois ainda não entendemos quem é esse soberano.

E a conclusão dada pelo autor para o capítulo é a seguinte: “a besta e o soberano (o casal, o acoplamento, a cópula), a besta é o soberano, o homem é a besta para o homem” (DERRIDA, 2016, p. 57), ou seja, ao avistar um inimigo, ou pode-se dizer a besta, o homem, soberano, transforma-se nela, mas diretamente ela já estará liga a ele. É nessa desconstrução que Derrida nos faz refletir sobre sermos bestas ou soberanos diante do animal. E, para que façamos o correto uso dos ensinamentos do estudioso, temos que nos deixar ser vistos pelos animais para que possamos finalmente assimilar seus pensamentos.

Diante desse conflito, podemos retornar as reflexões do autor em seu livro *O animal que logo sou*. A besta pode ser considerada o animal se sujeitando a soberania do homem, como a gata sobre o olhar de Derrida ou como a mulher que é sempre subjugada pelo universo masculino. No capítulo, os artigos “o” e “a” além de representarem a soberania do homem perante o animal representam também a equivocada soberania do homem perante a mulher.

Os passos do lobo contados no capítulo através da fábula de Jean de La Fontaine representam os passos de quem não pode se anunciar, pois ele é descrito pelo homem ou seja, sua história é sempre contada por um ser humano e não por ele mesmo. Esse animal não tem voz como as mulheres não tem voz, como os negros não tem voz ou como qualquer ser que o soberano homem entende que não pode ter voz, pois está sob o seu domínio.

Mas, ao criar o termo *animot* o filósofo entende que essa palavra representa

[...] uma recusa ética em busca de neutralizar os efeitos trágicos dessa fábula que o homem permanentemente se inventa tanto no plano ontológico quanto político quando pronuncia as palavras ‘animal’ ou ‘besta’. Ele é,

portanto, um conceito negativo visando desconstruir essa violência que habita fantasmagoricamente a linguagem humana e que se converteu em violência imunitária e auto-imunitária. (PUCHEU,2018, p.49).

A partir da citação, pode-se entender que ser um animal para o homem é algo que ele prefere omitir. Ao perceber essa recusa, Derrida ao criar um novo termo para denominar esse ser, pode ter idealizado uma nova forma de conceber o vivente animal e, com isso, provocou uma maior percepção dos estudiosos para o que diz respeito a contemplação do relacionamento dos seres humanos com os bichos.

## 2 | PATERSON E SUA COLEIRA

No filme *Paterson* de Jim Jarmusch, temos essas duas personagens, a besta e o soberano, representadas pelo homem e o cachorro. O homem se chama Paterson, mesmo nome da cidade onde reside e que indiretamente faz citação à cidade do poeta e médico Williams Carlos Williams que também nasceu e morou em Paterson. O filme é construído em forma de poema que é construído a partir rotina diária desse morador que diariamente acorda, trabalha como motorista de ônibus, escreve, se relaciona com sua esposa, convive com seu cachorro, toma sua cerveja, lê e vai descansar para começar novamente um outro dia com uma rotina exatamente igual. Em conjunto com a sua rotina assistimos também alguns trechos da rotina de sua mulher que fica em casa horas se ocupando de sonhos, hora fazendo trabalhos domésticos como cozinhar ou arrumar a casa. São cenas rotineiras de um casal.

O que queremos destacar aqui é o cachorro que está no filme. Marvin, o cachorro de estimação do casal é um buldogue que está presente na maior parte do longa-metragem. Como faz parte da família, o cachorro tem sua foto colocada junto com as de pessoas queridas por esse lar e essa imagem é colocada no início do filme:



Este animal está sempre presente nas cenas familiares. Quando Paterson acorda, ele está nesse sofá. Em um momento do filme o protagonista olha o cachorro e começa a passear seu olhar pelos quadros da sala onde está Martin representado:



Essas pinturas podem ter sido feitas por Laura, esposa de Paterson, pois a mesma

gosta de pintar e expressar sua criatividade de várias formas ao longo do filme. Além de olhar o cachorro em seu sofá e fixar seu olhar nas pinturas feitas dele, o homem passeia com ele sempre no final de seu dia. Ao invés de levá-lo para passear é o cachorro que puxa o seu dono pela coleira. Quando finalmente chegam ao bar onde Paterson toma sua cerveja, o animal é deixado amarrado num lugar e o ser humano entra no local. Martin fica sozinho, mas dentro do bar é lembrado quando um dos frequentadores do lugar brinca que o cão é que trouxe seu dono para passear.

Essa afirmação também pode ser comprovada pela cena onde a esposa pergunta para o cachorro se ele vai sair com Paterson, parecendo assim que a saída do protagonista é causada principalmente para que o cachorro faça um passeio de noite:



Além dessas vivências com o cachorro, vemos no filme este bicho representando passagens onde Paterson não reconhece o potencial de seu animal como quando sua caixa de correio diariamente aparece inclinada e ele não percebe que é seu cão que a empurra voluntariamente:





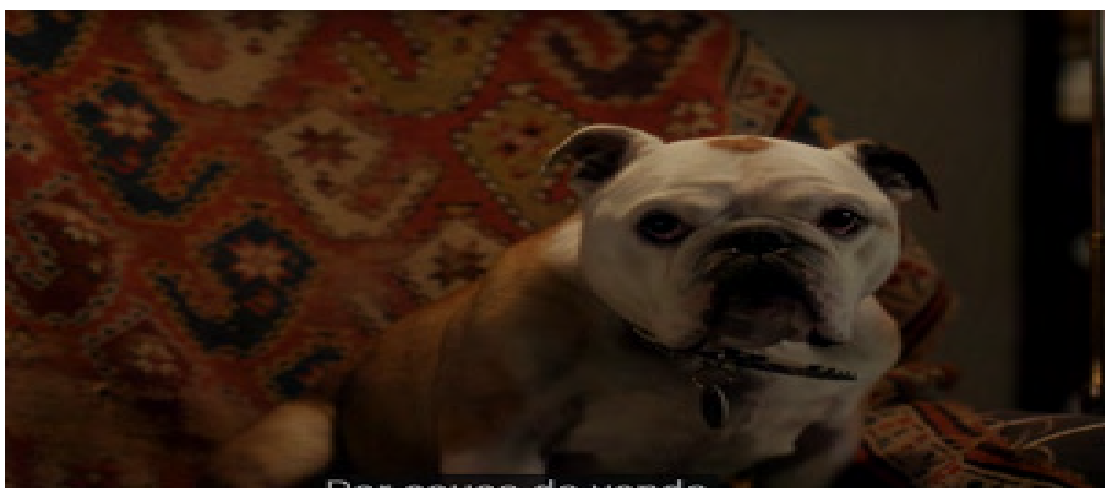
Sendo assim, o homem não percebe que o animal é um ser vivo que possui movimentos que não estão totalmente controlados pelo ser humano. Seu cão possui hábitos que não são monitorados regularmente por ele. É como também explica Berger: “[...] o que sabemos sobre os animais é um índice de nosso poder, e assim é um índice que nos separa deles. Quanto mais julgamos saber, mais distantes eles ficam” (1980, p. 22). Para John Berger, ainda não sabemos muito sobre os bichos e, por isso, Paterson não imaginou que Marvin alteraria algo em sua casa.

Outra cena interessante é quando Laura conversa com seu cachorro como se ele fosse uma pessoa e como se entendesse o que ela estivesse falando e questiona se ele está sentado na cadeira de seu pai, denominando assim Paterson de pai do cachorro:



Através do filme, nós olhamos o cachorro. Ele está olhando pela janela para os personagens do filme, está sentado ou deitado no sofá olhando seus cuidadores, participa silenciosamente das caminhadas do seu dono e contracenando com os atores do longa-metragem. Numa dessas situações os dois param a caminhada para ouvir um rapaz criar um rap, mas ao se deparar com o animal o cantor questiona o porquê ele estar ali e enfim percebe que ele está preso a uma “coleira humana”.

Marvin é encontrado na maioria das cenas em uma poltrona que está na casa:



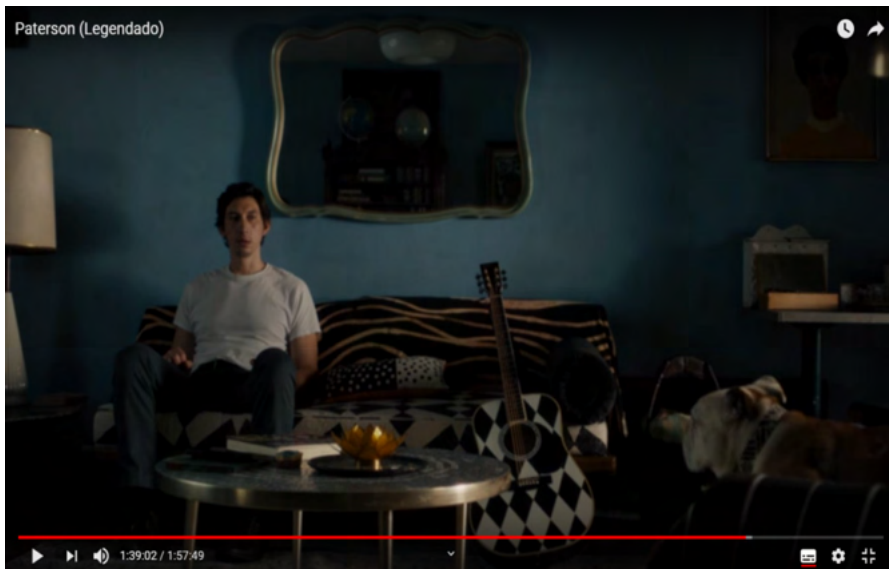
Este assento parece que é o lugar onde o cachorro dorme e fica em seus momentos de repouso, mas isto não é relatado na montagem. O que fica evidente nas imagens é que

o cão é o detentor desse espaço na residência.

Mas essa relação harmônica entre o animal e seu dono se desestabiliza no final da história, pois quando sua esposa Laura ganha dinheiro vendendo cupcakes o casal sai para jantar e ir ao cinema, mas Paterson esquece o seu caderno de poesias em cima do sofá. Marvin dilacera a caderneta e acaba com o sonho de Laura de publicar os poemas do marido e, com a materialização dos poemas escritos por Paterson. Marvin reconhece seu erro e se esconde de seus donos:



Nessa cena, novamente o animal é flagrado com um comportamento do ser humano, pois fica com medo da reação de seus donos ao encontrarem o caderno destruído. É como o questionamento feito no livro *A besta e o soberano*: quem é a besta e quem é o soberano nesta situação? O homem se tornou a besta e o animal virou o soberano, pois nesta passagem Marvin ao despedaçar as poesias de Paterson se torna soberano, pois demonstrou todo seu poder perante a besta, ou seja, o homem. E, finalmente, ao perceber que seus escritos foram arruinados pelo cachorro, Paterson tem o seu momento de olhar para esse animal:



O protagonista e o cão se olham. Paterson continua sendo um personagem pacato e no seu olhar para o cão está sua desaprovação. Ao contrário de Derrida em *O animal que logo sou*, o homem aqui olha o animal a olhar para ele e conversa com ele. Ao longo do filme também percebemos esse olhar. É como se para descrevermos o pensamento desse animal precisássemos de poesia, como descreve Jacques Derrida em *O que é poesia* e como é feito pelo cineasta de *Paterson*.

Há também que pensar no cachorro contido na poesia *Paterson* (Livro I) de William Carlos Williams inserida no livro “Poemas” traduzido por José Paulo Paes:

[...] Compor um começo  
com particularidades  
e torná-las gerais, arrolando  
a soma, por meios imperfeitos -  
Farejando as árvores,  
um cão qualquer  
num bando de cães. O que  
mais ali? E que fazer?  
Os outros debandaram -  
atrás de coelhos.  
Só o estropiado permanece - sobre  
três pernas. Coça-te adiante e atrás.  
Engana e come. Desenterra  
um osso embolorado [...] (1992).

De maneira oposta ao poema, o cachorro de Paterson não é um cão qualquer, ele é um dos protagonistas da longa-metragem de Jim Jarmusch. Nelly, a cachorrinha atriz foi quem interpretou o buldogue do filme. Ela ganhou em Cannes a décima quinta Palma Dog por sua interpretação na produção, mas infelizmente ela não teve tempo de receber a premiação, pois faleceu após o filme. Para alguns, a cadela demonstrou uma expressividade incomum até para muitos atores humanos.

Ao observarmos a atriz Nelly ou o personagem Marvin compreendemos a assertiva de nos declararmos bestas perante o animal, pois ainda não sabemos tudo sobre eles e quais são os seus limites. Nesta percepção passamos a olhá-lo de um modo diferente e então podemos começar a perceber ele nos olhando e essa ação pode ser o princípio de enxergá-los como nosso semelhante iniciando assim um novo relacionamento com eles. Dessa forma, não existiriam mais bestas ou soberanos e sim seres vivos que se respeitam e se olham como indivíduos semelhantes.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história de Paterson e de sua família, incluindo seu cachorro, entramos na rotina de seus personagens e vivemos com eles suas rotinas. Para o final do filme Jarmusch reservou um desfecho edificante. Após o incidente do estrago de seu caderno de poemas, Paterson vai para a cachoeira no parque Great Falls e senta-se em um banco, talvez para conseguir refletir sobre tudo o que lhe aconteceu. Surge então outro poeta, que também escreve cadernos de poesia e os publica, que acredita que ser um motorista de ônibus em Paterson é algo “muito poético”, que respira poesia. O escritor, que representa indiretamente o pensamento de Jim Jarmusch explica para os espectadores o motivo pelo qual o diretor do filme não deixa seu filme ser traduzido para nenhuma língua além do inglês, para ele: “poesia em tradução é como tomar banho de capa de chuva”. Sendo assim, para o cineasta a poesia não pode ser traduzida. Neste momento Paterson diz que não é poeta. O turista que foi na cidade de Paterson conhecer o lugar onde nasceu William Carlos Williams lhe presenteia com um novo caderno, explica que “Às vezes, uma página vazia apresenta maiores possibilidades” e o motorista de ônibus começa a escrever novamente poesias.

Neste filme tudo é poesia: o cotidiano, a família, o trajeto do ônibus, o animal e tudo o que pode inspirar a escrita de um poema. Seu cachorro ao esfacelar sua caderneta representou uma crítica aos seus poemas? Não sabemos. Pelo olhar do cachorro ou de seu dono, da besta ou do soberano descobrimos que tudo é muito poético, *Paterson* respira poesia e, para o final, antes dessa família começar novamente sua semana de maneira sistemática, temos a poesia final:

## O verso

Tem uma antiga canção,  
que meu avô cantava que pergunta:  
Ou você prefere ser um peixe.  
Na mesma canção  
Tem a mesma pergunta  
Mas com uma mula e um porco,  
mas a que eu ouço de vez em quando  
em minha cabeça é a do peixe  
Só aquele verso.  
Você preferia ser um peixe? (JARMUSCH, 2016).

É uma pergunta, e no filme não há resposta. Mais uma vez no longa-metragem um animal é evocado pelo ser humano. Besta ou soberanos continuamos a ser animais e para finalizarmos nosso pensamento acerca dos animais ou do que nos é desconhecido só poderia ser feito como Paterson a partir de uma poesia ou como fez o viajante a partir de uma exclamação:

- Ahã! ...

## REFERÊNCIAS

BERGER, John. Por que olhar os animais? **Sobre o olhar**. Trad. Lya Luft. Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p.11-32.

DERRIDA, Jacques. **A besta e o soberano**. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Editora Via Verita, 2016.

\_\_\_\_\_. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MACIEL, Maria Esther (Org). **Pensar/escrever o animal**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

PATERSON. Direção: Jim Jarmusch. Eurovideo. 2016. (112 min).

PUCHEU, Alberto. De capivaras, bois, povo, domésticas, leões, serpentes, lagartos, poetas, bugios, galinhas e outros animais. **Que porra é essa: poesia?** Rio de Janeiro: Azougue Editorial/FAPERJ, 2018.

WILLIAMS, William Carlos. **Paterson**. New Directions Publishing, 1992.

## ÍNDICE REMISSIVO

### B

Bruna Beber 1, 2, 3, 4, 5, 6, 14

### C

Carla Diacov 1, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 14

Casas de Pedra 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24

Corpo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 35, 38, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

### E

Eneida 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 41, 42, 43, 44

Epopéia 26, 29, 32

### H

História 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 27, 30, 31, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 64, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 82, 84, 85

### I

Identidade 26, 27, 28, 42, 43, 44, 52

Imaginário 8, 16, 21, 27, 28, 47, 51

### M

Memória 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

Mulher 9, 11, 12, 13, 14, 29, 33, 36, 38, 40, 41, 45, 47, 48, 49, 52, 58, 59, 74

### O

Objetos 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25

Odisseia 26, 27, 28, 29, 34, 37, 40, 42, 43, 44

### P

Poesia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 13, 14, 55, 56, 65, 66, 67

### R

Ramayana 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

### S

Sensibilidades 16

## T

Tortura 45, 46, 48, 50, 51

## V

Violência 12, 13, 14, 28, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 56, 59



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

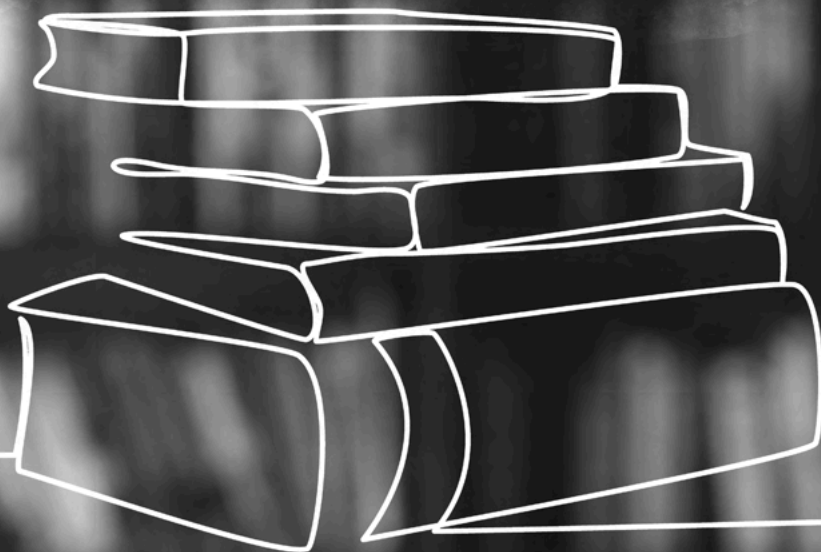
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

📷 @atenaeditora

📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

